

«A RAINHA Elizabeth sorriu ao ler nos jornais a notícia da imprensa norte-americana sobre uma ruptura entre ela e o duque de Edimburgo» — diz um telegrama; mas qualquer mulher casada do mundo sabe que esse sorriso não deve ter sido muito feliz. Elizabeth, além de ser rainha, é uma mulher que não vê seu marido há quatro meses, e ouve boatos a respeito de sua fidelidade, boatos que chegam a indicar o nome de outra mulher casada. Na melhor hipótese é um mexerico desagradável, que chama a atenção do mundo para alguma coisa absolutamente íntima, que é a vida sentimental de duas pessoas.

Por mais discreta que se orgulhe de ser a imprensa inglesa sempre há um jornal como o «Daily Mirror» para aorir manchete em primeira página: «Volte para casa, Phillip». Não sou especialmente fã de rainhas ou princesas, mas me desola, pelo lado puramente humano, essa monstruosa aberração de ver na manchete de um jornal o que poderia ser apenas o tímido pensamento ou a súplica secreta de uma mulher. Nós todos conhecemos e muitos de nós vivemos na vida real casos em que o comentário de uma pequena roda ou uma piada leviana qualquer produz lágrimas de desespero. Em nossa imprensa mesmo, felizmente sem frequência, temos visto o caso de alguns infelizes que se divertem ou procuram fazer nome à custa de intimidade alheia.

Ah, por favor, não é preciso que a imprensa cuide dessas coisas. Os desajustamentos sentimentais que são de todas as épocas, mas hoje são mais frequentes ou mais evidentes, não precisam das rotativas; bastam, para agravá-los ou provocá-los, a língua dos maledicentes e a máquina de escrever dos fabricantes de cartas anônimas. Para humilhar um homem ou fazer chorar uma mulher, para provocar um crime ou envenenar uma existência, existem as comadres; e sempre existiram. A imprensa não é para isso. Uma lei que punisse com rigor esse gênero de informações ou alusões — verdadeiras ou falsas, não importa — não seria contra a liberdade de imprensa, porque isso não é liberdade e isso não é imprensa. As piores comadres, quando dizem essas coisas, olham para os lados e baixam a voz; são menos perigosas e menos ridículas que o cronista que se senta diante de uma máquina e tranquilamente começa a devassar as alcovas.

No caso da família real há uma desculpa para a imprensa inglesa: a culpa é de todos e não é de ninguém, é de um regime arcaico que transforma em assuntos de Estado os namoros de uma princesa ou as possíveis trampolinagens de um príncipe-consorte. E o mundo fica em suspenso: «será que é mesmo...».

E mergulhamos no ridículo e na melancolia.